

As trabalhadoras das roupas: mercado de moda, sociedade, política e cultura

Camila Borges da Silva

Universidade do Estado do Rio de Janeiro
Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, Brasil

Recebido em: 22 abr. 2026

Aprovado em: 20 ago. 2026

Publicado em: 31 ago. 2026

Resumo

Resenha de MITIDIERI, Gabriela. *Las trabajadoras de las ropas. Coser, lavar y disputar derechos en la ciudad de Buenos Aires, 1848-1870*. Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Prometeo 30/10, 2025.

Palavras-chave: moda; indumentária; trabalhadoras; imigração; direitos; costura.

* Professora do Departamento de História da Universidade do Estado do Rio de Janeiro e do Programa de Pós-Graduação em História Política da mesma instituição. Doutora em História Social da Cultura pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio), tendo realizado Pós-Doutorado no Departamento de História da Universidade Federal Fluminense (UFF). É mestre em História Política pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), possui graduação em História pela mesma instituição e graduação em Moda pela Universidade Cândido Mendes (UCAM). É autora dos livros "O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)" e "As ordens honoríficas e a independência do Brasil: o papel das condecorações na construção do Estado Imperial Brasileiro", ambos publicados em virtude de prêmios concedidos pelo Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro e pelo Arquivo Nacional, respectivamente. A autora também organizou a obra "A História na Moda, a Moda na História" e é fundadora e coordenadora do Núcleo de Estudos de História da Moda e da Indumentária (NEHMI), cadastrado no Diretório de Grupos de Pesquisa do CNPq. E-mail: camila.borges.uerj@gmail.com

 <https://orcid.org/0000-0003-1461-3556>

 <http://lattes.cnpq.br/6446041583836648>

O livro de Gabriela Mitidieri, “Las trabajadoras de las ropas. Coser, lavar y disputar derechos en la ciudad de Buenos Aires, 1848-1870”, lançado em 2025 e fruto de sua tese de doutorado, defendida na Universidade de Buenos Aires em 2021, é uma boa-nova para os estudos históricos. A historiadora analisa a Buenos Aires do século XIX lançando luz sobre trabalhadores e trabalhadoras praticamente esquecidos pela historiografia argentina, utilizando como pano de fundo o cenário político turbulento daquela região no período analisado. Assim podemos adentrar o universo de costureiras, lavadeiras, modistas, alfaiates, aprendizes e conhecer um pouco mais suas trajetórias, através de suas formas de sobrevivência, ligações familiares, de trabalho e de amizade, reconhecendo, por meio delas, redes de dependência e de ajuda mútua. A autora ressalta também as relações de poder raciais e de gênero presentes no mundo do trabalho dessa época, trazendo à tona a grande presença de mulheres, sobretudo pobres, no mercado de moda, bem como a de africanas e afro-portenhas, o que permite vislumbrar uma cidade não apenas branca, como se pensava.

Em cinco capítulos, Mitidieri mostra: a importância da produção de uniformes militares que permitiam a sobrevivência de um “exército de costureiras”, exploradas por empresários que arrematavam contratos generosos com os governos; a existência de imigrantes espanhóis, franceses e da Península Itálica, bem como de escravizados¹, libertos e seus descendentes e de suas redes de ajuda por meio da formação de sociedades e associações voltadas para grupos nacionais/étnicos específicos; as relações hierárquicas estabelecidas no espaço de trabalho, que não raro se confundia com a própria casa; a presença de um mercado de moda elegante, voltado para as classes altas, onde atuavam modistas especialmente de origem francesa; por fim, a luta por direitos de trabalhadores e trabalhadoras do mercado de moda, que carregavam noções de justiça forjadas também nas vivências cotidianas. Ao longo da obra, o leitor passa a conhecer: a ocupação dos espaços urbanos de Buenos Aires no período abordado, tendo em vista que a autora relaciona a localização de lojas e residências com as redes sociais formadas por esses trabalhadores e trabalhadoras; o início de uma proto-industrialização devido ao impacto da chegada da máquina de costura no processo produtivo e nos saberes necessários para atuar no mercado; a

1 Foram trazidos a Buenos Aires antes da proibição do tráfico, em 1812.

conturbada política argentina no século XIX ao perpassar períodos de guerra civil entre a queda de Juan Manuel de Rosas e a construção do Estado nacional argentino.

Os temas desenvolvidos são embasados em uma variedade de documentos históricos, tais como censos populacionais, jornais, processos do Tribunal Comercial, expedientes de governo, registros policiais e de patentes, almanaques, entre outros, todos muito bem analisados. A autora não apenas mergulha em cada uma de suas fontes primárias como também faz um excelente cruzamento entre elas, em busca de respostas para suas perguntas, que apresenta com clareza para o leitor ao longo do texto. Esse sistema de perguntas e respostas é evidenciado pela autora em algumas passagens, como, por exemplo, quando aponta que “*interrogar* tais formulários dos censos com inquietudes sobre o mercado de trabalho feminino permite certas *respuestas* sobre a costura como um trabalho compartilhado e transmitido de mães a filhas” (p.137, grifos meus)². Por outro lado, a importância de cruzamento das fontes aparece explicitada em diversas passagens, como a que aponta que os censos “nos revelam apenas uma imagem estática da organização do trabalho que tinha lugar naquele espaço”³ e que, por isso, seria necessário “o entrecruzamento com outras fontes”⁴ para que se possa “ver a circulação de outros trabalhadores e trabalhadoras pela alfaiataria ao longo dos anos”⁵ (p.111) e naquela em que ela afirma que é “a partir da *pista* do nome próprio obtida principalmente nos avisos publicados que tento superar o *carácter fragmentário das fontes*”⁶, destacando a indispensabilidade “do entrecruzamento com *indícios* provenientes dos formulários do censo da população”⁷ (p.108, grifos meus). Ademais, a utilização muito freqüente de palavras e expressões ao longo de toda a obra como “pistas”, “indícios” e “evidência reunida”, como nos exemplos grifados acima, nos revela que a autora se nutre do paradigma indiciário tal como proposto por Carlo Ginzburg que, aliás, parece muito presente no livro de

2 “*interrogar* tales cédulas censales con inquietudes sobre el mercado de trabajo femenino habilita posibles *respuestas* acerca de la costura como un oficio compartido y transmitido de madres a hijas”. Todas as traduções presentes no texto foram realizadas de maneira livre pela autora da resenha.

3 “nos revela tan solo una imagen estática de la organización laboral que tenía lugar en aquel espacio”

4 “el entrecruzamiento con otras fuentes”

5 “ver la circulación de otros trabajadores y trabajadoras por la sastrería a lo largo de los años”

6 “a partir de la *pista* del nombre propio obtenida principalmente en los avisos publicados que intento superar el *carácter fragmentario de las fuentes*”

7 “del entrecruzamiento con *indicios* provenientes de cédulas del censo de población”

Mitidieri. Apesar de não o mencionar diretamente no texto, ela faz uso de seus livros, escolhendo dois bastante significativos pelo aporte metodológico: “O fio e os rastros” (2007) e “Tentativas” (2004). As origens do método são identificadas por Ginzburg no instigante capítulo “Sinais: raízes de um paradigma indiciário” no livro “Mitos, emblemas e sinais” (2016). Nele aponta que “por volta do final do século XIX, emergiu silenciosamente no âmbito das ciências humanas um modelo epistemológico (caso se prefira, um paradigma) ao qual até agora não se prestou suficiente atenção” (2016, p.143) e segue discorrendo sobre a perspectiva metodológica para desvendar a autoria de pinturas antigas do italiano Giovanni Morelli, adentrando no mundo da ficção com as estratégias do fictício investigador britânico Sherlock Holmes, criado por Arthur Conan Doyle, para solucionar crimes, voltando ao universo científico por meio de Freud e assim por diante. Tal como Ginzburg, Mitidieri constrói uma narrativa envolvente e problematizada que guia o leitor na comprovação de suas hipóteses ao adotar, como já se mencionou, a estratégia de explicitar as perguntas e ir tecendo a construção do argumento por meio das “pistas” da documentação, o que lembra bastante o Ginzburg de “O queijo e os vermes” (2004). Outra semelhança com esse autor é a estratégia de reduzir a escala de análise para reconstituir mais de perto as vidas dos trabalhadores e trabalhadoras selecionados, apesar de não se tratar de um estudo de micro-história.⁸ Com isso, ela consegue nos transportar para dentro das alfaiatarias, espaços de costura, casas particulares e lojas de modistas e nos fazer imaginar, por um lado, as relações estabelecidas no interior desses espaços entre costureiras e alfaiates, aprendizes e mestres, mães e filhas, maridos e esposas, entre outros personagens, e, por outro, dar vida às ruas e bairros onde essas pessoas se encontravam.

Mais explícita é a filiação teórica adotada pela autora, que menciona diretamente o historiador marxista Edward Palmer Thompson e suas obras mais

⁸ Tal como aponta Giovanni Levi, que, assim como Ginzburg, é um dos precursores da micro-história, esta metodologia “não pode ser definida em relação às microdimensões de seu objeto de estudo”, mas sim se caracteriza por um conjunto de elementos que precisam aparecer de forma direta ou indireta no texto (esta última a escolha mais frequente dos primeiros a adotarem o método) tais como a redução da escala, a problematização sobre a racionalidade do sujeito histórico em reação ao mergulho no inconsciente promovido pelo Estruturalismo, a relação entre o particular e o geral não como oposição, o uso da narrativa problematizada, entre outros (LEVI, 1992, p.159).

emblemáticas: “A formação da classe operária inglesa” (2025), “Costumes em comum” (1998) e “Senhores e caçadores” (2008). Sobre Thompson, ela aponta que

Seus textos nos deram ferramentas para contar “histórias a partir de baixo”, chegando nas vidas de pessoas mais ou menos anônimas, que viveram do seu trabalho que construíram noções próprias de justiça, de dignidade, de valor, em um tempo e em um lugar. Ensinou-nos a pensar sem teleologias, tratando de honrar o que tiveram de específico e situar essas trajetórias. Mostrou-nos que a classe não se faz apenas na fábrica; costura-se nas casas, nos bares, na igreja, no carnaval. Que nenhum poder é infalível nem onipotente. Que sempre há uma brecha que torna possível a rebeldia, o questionamento, a possibilidade de imaginar uma realidade diferente. (p.14 e 15)⁹

Mitidieri assemelha-se assim a historiadores e historiadoras que estudam os mundos do trabalho, a imigração e a escravidão no Brasil do século XIX, que desde pelo menos a década de 1980, recorreram a Thompson para pensar as relações patrão-empregado e senhor-escravo no Brasil.¹⁰ Assim como na Argentina, Thompson serviu no Brasil para olhar a “história a partir de baixo” (“History from below”) colocando no centro da narrativa pessoas invisibilizadas pela historiografia. Thompson ajudou a refletir sobre a formação das identidades sociais, entendendo que as mesmas são fruto de um processo que é dado pelos espaços ocupados e que elas se formam continuamente, a partir das afinidades construídas em momentos específicos. Ele permitiu ver que, apesar da exploração, aqueles que são dominados não deixam de construir sua luta por meio das maneiras como vêem o mundo. Essas são definidoras das ferramentas utilizadas nas pequenas negociações cotidianas, na busca pela manutenção de costumes e na maneira de entender a justiça, bem como de exigí-la. Por isso, também foi necessário diminuir a escala de análise, aproximar-se do escravizado/a, imigrante ou trabalhador/a livre pobre para compreender suas formas de vida e de luta. Palavras como negociação e resistência passaram a ser utilizadas, pensando-se que esses processos se dão nos pequenos espaços cotidianos, como no

9 “Sus textos nos dieron herramientas para contar “historias desde abajo”, al ras de las vidas de personas más o menos anónimas, que vivieron de su trabajo, que construyeron nociones propias de justicia, de dignidad, de valía, en un tiempo y en un lugar. Nos enseñó a pensar sin teleologías, tratando de honrar lo que tuvieron de específico y situado esas trayectorias. Nos mostró que la clase no se hace solo en la fábrica; se cocina en las casas, en los bares, en la iglesia, en el carnaval. Que ningún poder es infalible ni onnipotente. Que siempre hay un resquicio que hace posible la rebeldía, el cuestionamiento, la posibilidad de imaginar una realidad diferente.”

10 Refiro-me aqui a um grupo de historiadores que defenderam suas teses de doutorado na Unicamp, na USP e fora do país tais como Silvia Hunold Lara (1986), Sidney Chalhoub (1989) e João José Reis (1982), por exemplo.

candomblé, por exemplo, onde por meio do encontro em um mesmo local e do compartilhamento de uma religião era possível construir uma identidade comum que desafiava todo o sistema escravista, por colocar em risco as estratégias de divisão étnica e raciais dos senhores (REIS, 1989). Entende-se daí a afirmação de Mitidieri de que a classe não se constrói apenas nas fábricas, mas também nas casas, nos bares, na igreja e no carnaval. Por meio desses espaços, também aqui no Brasil historiadores e historiadoras entenderam que escravizados/as conseguiam “impor limites à vontade senhorial, possuíam projetos e ideias próprias pelos quais lutavam e conquistavam pequenas e grandes vitórias” (LARA, 1995, p.47) e o mesmo pode ser dito de libertos/as e trabalhadores/as em geral.

Vem daí a igualmente importante análise do “espaço”. As possibilidades de contato e convívio eram para Thompson centrais na formação da identidade de classe. Essa perspectiva aparece muito bem delineada na obra de Mitidieri, que consegue traçar, por meio dos censos populacionais, os locais de trabalho e moradia, identificando aproximações espaciais que eram também de classe. A autora sublinha isso em vários momentos de sua obra, seja para apontar os locais de trabalho das lavadeiras ou as ruas em que se situavam algumas alfaiatarias, modistas e residências desses/as trabalhadores/as. Explicita isso quando menciona “circuitos laborais no nível paroquial” e mostra que “em uma mesma quadra da rua”¹¹(p.82) encontravam-se diversos personagens analisados e identificados especialmente por meio de censos ou dos registros de associações e sociedades. Ela faz afirmações como: “em uma casa de aluguel adjacente residia...”; “a uma quadra de distância se encontrava...”; “três quadras para oeste, já na paróquia..., mas a escassas quadras da casa...” (p.82 e 83).¹² Na rua Perú, ocupada por modistas e alfaiates de mais recursos, ela identifica que a Alfaiataria Espanhola do senhor Sanglas ficava apenas “alguns metros mais além”¹³ do estabelecimento da modista Eugenia Jahanolt (p.87) e que “a uma quadra da casa de

11 “circuitos laborales en el nivel de la parroquia” “en una misma cuadra de la calle...” (p.82)

12 “en una casa de inquilinato adyacente, residia...”; “A una cuadra de distancia se encontraba...”; “Tres cuadras hacia el oeste, ya en la parroquia de Balvanera, pero a escasas dos cuadras de la casa de la sociedad, residían...” (p.82 e 83)

13 “algunos metros más allá” (p.87)

Paladio Sanglas e *a metros da loja* da modista também francesa Maria Gilles..."¹⁴ havia uma escola francesa de educação de meninas (p.94, grifos meus). Os trechos grifados e mencionados anteriormente permitem ao leitor construir uma imagem mental sobre a ocupação urbana da cidade, auxiliado ainda pelo cuidado da autora em especificar o aspecto exterior desses estabelecimentos quando vistos da rua, como no trecho: "sua alfaiataria contava com amplas portas com dois vitrais através dos quais se podiam ver armários nos quais se exibiam as roupas confeccionadas" (p.110).¹⁵ Trata-se de uma estratégia narrativa muito eficaz que permite ao leitor compreender os argumentos da autora. Também as associações e sociedade recreativas e mutualistas são apontadas como espaços semelhantes de construção identitária, marcada, no caso da Buenos Aires do período estudado pela autora, por origens nacionais ou étnicas, embora houvesse também aquelas voltadas para trabalhadores específicos. Segundo ela, essas identidades poderiam ser construídas por conta das "experiências comuns" e "ocupações comuns" dessas pessoas (p.79), trazendo, portanto, a perspectiva de Thompson dos "costumes" como elementos de formação de classe. A autora explicita que "analisando tais espaços, quis enfatizar *o aprendizado compartilhado*, os quais entendo como elementos centrais para compreender a *formação de uma consciência comum como trabalhadores*" (p.103, grifo meu).¹⁶ Mais thompsoniana impossível.

Embora a autora se vincule à História Social, a obra pode ser entendida como perpassando várias dimensões da História (BARROS, 2004, p.20), englobando a nova História Cultural e a História Política renovada. Em primeiro lugar, o cultural entendido enquanto representação simbólica do mundo permitiu a inversão do modo de ver o social, não como um mundo já dado, mas sim em construção, o que levou a superação de uma História Social da Cultura por uma História Cultural do Social (CHARTIER, 1990). É essa a perspectiva de Thompson, ao compreender as classes não como previamente constituídas, mas sim como um eterno fazer-se, onde identidades coletivas se constroem e se desfazem de acordo com as aproximações e distanciamentos entre os

14 "a una cuadra de la casa de Paladio Sanglas y a metros de la tienda de la modista también francesa María Gilles" (p.94, grifos meus)

15 "su sastrería contaba con una amplia puerta con dos vidrieras, a través de las cuales podían verse armarios en los que exhibía las prendas confeccionadas" (p.110).

16 "en el análisis de tales espacios, quise enfatizar los aprendizajes compartidos, los cuales entiendo como elementos centrales para comprender la *formación de una conciencia común como trabajadores*" (p.103, grifo meu)

grupos. Da mesma maneira, a ideia de costumes do autor jogou luz sobre outras possibilidades de se entender como classe, por meio de elementos considerados tipicamente culturais, como a religião e o lazer, por exemplo. A História Política renovada, por sua vez, está presente nas relações de poder explicitadas pela autora, nas esferas micro, domésticas, e macro, como no caso de empresários que arrematavam contratos com o governo. Além disso, o pano de fundo de toda a narrativa são as mudanças políticas do Estado argentino, que perpassam conflitos e guerras civis, sempre mencionados pela autora. Saindo do campo das dimensões e entrando nos domínios, ou seja, no âmbito das temáticas, pode-se igualmente apontar a riqueza da obra, tendo em vista que abarca a História do Trabalho, das Mulheres (embora a autora trabalhe também com a perspectiva de gênero) e da Moda. A despeito das contribuições relevantes para os dois primeiros domínios, enfatizo a relevância para a História da Moda, ou da Indumentária, como costume trabalhar (SILVA, 2010). A obra permite compreender como o mercado de moda, em termos de organização do trabalho, constituiu-se em Buenos Aires no período analisado, mostrando a grande importância e presença do setor para aquela sociedade e, por meio dele, todas as relações sociais que se teciam. Nesse sentido, Mitidieri dialoga com diversos trabalhos que abarcam o tema da moda produzidos na América Latina, no Brasil, nos Estados Unidos e na Europa.

Fundamental também é destacar o grande diálogo existente entre a História do Brasil e da Argentina, em particular, e com o restante da América do Sul em geral. A autora nos permite verificar as relações diretas existentes entre os dois países por meio tanto dos processos políticos como a Guerra da Cisplatina e a da Tríplice Aliança, quanto da circulação de personagens que analisa. Nesta última estão incluídas as histórias de Eufemia Otero, Maria Sánchez Thompson de Mandeville e Joana Manso. O navio que transportava Eufemia Otero como escravizada de Angola para o Brasil foi capturado em meio a Guerra da Cisplatina, em 1825, de forma que ela foi levada a Buenos Aires (p.33). Essas rotas não eram desconhecidas do tráfico de escravizados argentino, tendo em vista que a autora menciona que “as pessoas escravizadas que chegavam a Buenos Aires através de portos brasileiros haviam sido majoritariamente

embarcadas em Angola, nos portos de Luanda e Bengala” (p.77).¹⁷ A presença de brasileiros na cidade pode ser evidenciada inclusive pela existência de uma associação na década de 1850 denominada “Sociedade Protetora Brasileira”, cujos objetivos eram “fomentar o espírito de associação e proteção mútua entre os negros brasileiros residentes na capital portenha” (p.78).¹⁸ Já Maria Sánchez vivia em Montevidéu e se correspondia com sua filha em Buenos Aires, mas fez uma viagem ao Rio de Janeiro em 1847, na qual relatou à filha que a cidade possuía “boas modistas”, que “fazem bem os espartilhos e os vestidos” (p.154).¹⁹ A terceira personagem, Joana Manso, que atuava enquanto escritora em Buenos Aires, escrevendo em jornais diversos e o seu próprio “Álbum de Señoritas”, em 1854 (p.157), viveu no Brasil e foi redatora do periódico “O Jornal das Senhoras” em 1852 (DUARTE, 2016, p.117; BARBOSA, 2018, p.77). Joana é velha conhecida de historiadores brasileiros que pesquisam imprensa feminina no século XIX. Além da circulação de pessoas, a autora identifica também a circulação de produtos, como no caso da produção pelas costureiras de Buenos Aires de uniformes para 8.000 soldados do Exército brasileiro em meio a Guerra da Tríplice Aliança (p.55). Outras relações, mais indiretas, entre Brasil e Argentina, podem ser mencionadas. Destaco em especial o papel de modistas francesas e a referência à França enquanto modelo de civilização a ser seguido, tal como ocorreu no Brasil e, em especial, no Rio de Janeiro. Mitidieri aponta que a cultura e a moda francesa eram muito fortes na cidade, bastando um passeio pela rua Perú, o equivalente de nossa rua do Ouvidor, para percebê-lo (p.109). Assim como apontei a chegada de mercadorias francesas por meio do porto do Rio de Janeiro, vindas do porto de Havre (SILVA, 2010, p.61), Mitidieri também identifica o mesmo em Buenos Aires (p.110 e 139), discorrendo sobre a presença das modistas francesas, as quais também habitavam o Rio de Janeiro (SILVA, 2010, p.74 e 75).

Percebe-se, portanto, que a obra de Gabriela Mitidieri é leitura indispensável a todos/as pesquisadores e pesquisadoras e amantes diletantes do século XIX, da

17 “las personas esclavizadas que llegaban a Buenos Aires a través de puertos brasileños habrían sido mayoritariamente embarcadas en Angola, en los puertos de Luanda y Benguela”

18 “fomentar el espíritu de asociación y protección mutua entre los negros brasileiros residentes en la capital porteña”

19 “buenas modistas”; “hacen bien los corsets y los vestidos”

História do Trabalho, das Mulheres ou da Moda. Seria uma grata alegria se o livro fosse traduzido e publicado no Brasil, reforçando as relações históricas entre os dois países.

Referências:

BARROS, José D'Assunção. *O campo da História: especialidades e abordagens*. Petrópolis (RJ): Editora Vozes, 2004.

BRABOSA, Everton Vieira. *Páginas de sociabilidade feminina: sensibilidade musical no Rio de Janeiro oitocentista*. São Paulo: Alameda, 2018.

CHALHOUB, Sidney. *Visões da liberdade: uma história das últimas décadas da escravidão na Corte*. Tese (Doutorado em História) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1989.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

DUARTE, Constância Lima. *Imprensa feminina e feminista no Brasil, século XIX*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.

GINZBURG, Carlo. *Mitos, emblemas, sinais: morfologia e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

GINZBURG, Carlo. *O fio e os rastros. Verdadeiro, falso e fictício*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes: o cotidiano e as ideias de um moleiro perseguido pela Inquisição*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

GINZBURG, Carlo. *Tentativas*. Rosário: Prohistoria Ediciones, 2004.

LARA, Silvia Hunold. Blowin' In The Wind: E.P. Thompson e a experiência negra no Brasil. *Projeto História: Revista Do Programa De Estudos Pós-Graduados De História*. PUC-SP, São Paulo, v.12, p.43-56, jul-dez, 1995

LARA, Silvia Hunold. *Campos da violência: estudo sobre a relação senhor-escravo na capitania do Rio de Janeiro, 1750-1808*. Tese (Doutorado em História) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 1986.

LEVI, Giovanni. Sobre a micro-história. In: BURKE, Peter (org). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Editora UNESP, 1992, p.133-161.

REIS, João José. *Slave Rebellion in Brazil: The African Muslim Uprising in Bahia, 1835*. Tese (Doutorado em História) - Universidade de Minnesota, Minneapolis, 1982.

REIS, João José; SILVA, Eduardo. *Negociação e conflito: resistência negra no Brasil escravista*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989

SILVA, Camila Borges da. *O símbolo indumentário: distinção e prestígio no Rio de Janeiro (1808-1821)*. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura: Arquivo Geral da Cidade do Rio de Janeiro, 2010.

THOMPSON, Edward Palmer. *A formação da classe operária inglesa*. 3 vols. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2025

THOMPSON, Edward Palmer. *Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, Edward Palmer. *Senhores e caçadores: a origem da lei negra*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.